

- 47 • Superintendência de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental
48 – SUDERHSA: Wagner Luiz Kreling (wagnerkreling@suderhsa.pr.gov.br);
49 • Universidade Federal do Paraná – PPGERHA – DHS: Cristóvão Vicente
50 Scapulatempo Fernandes (cris.dhs@ufpa.br).

51 **RELATORIA:**

- 52 • Martha Regina von Borstel Sugai – COPEL (martha.sugai@copel.com.br).

53 **ASSUNTOS DISCUTIDOS:**

54 **Item 1- Abertura.** A Sra. Martha Sugai (Copel/coordenadora CTPLAN) iniciou a 3ª reunião
55 da CTPLAN às 09:30 horas, agradecendo a presença de todos e na seqüência passou a palavra
56 ao Sr. Erivelto Luiz Silveira (Gerente da Unidade de Serviços de Recursos Hídricos da
57 SANEPAR) que deu as boas vindas aos presentes e desejou uma reunião proveitosa. Em
58 seguida a Sra. Martha Sugai sugeriu que a aprovação da ata da 2ª reunião ficasse para o
59 período da tarde, o que foi aprovado, passando-se então para o **Item 2 – Metodologia**
60 **adotada para caracterizar a qualidade das águas e o enquadramento dos cursos de água**
61 **do Alto Iguaçu e Afluentes do Ribeira** que foi apresentado pelo Prof. Cristóvão Vicente
62 Scapulatempo Fernandes (UFPR/PPGERHA). Esta metodologia está sendo estudada em um
63 projeto de pesquisa, financiado pelo Fundo Setorial CT-Hidro, denominado “Bacias Críticas:
64 bases técnicas para a definição de metas progressivas para seu enquadramento e a integração
65 com os demais instrumentos de gestão”. Inicialmente o Prof. Cristóvão ressaltou que há
66 diferenças entre pontos de monitoramento para “gestão” e para “fiscalização”. Comentou que
67 para a gestão do Alto Iguaçu foram escolhidos seis pontos de monitoramento simultâneos de
68 qualidade e de quantidade, nos quais são medidos os parâmetros tradicionais. Como critério
69 de distribuição selecionou-se um posto a cada 20km. Disse que, na escolha da localização dos
70 pontos, devem ser levados em conta os principais problemas encontrados na bacia
71 hidrográfica. Citou como vantagens do caso da Bacia do Alto Iguaçu a disponibilidade de
72 dados, a existência de uma rede de monitoramento e de diversos estudos, como também a
73 familiaridade do grupo com a bacia. Como desvantagem apontou que o Alto Iguaçu ainda não
74 tem plano de bacia e o Comitê e a Agência se encontravam em fase de instalação no início
75 dos trabalhos. Ao longo de sua apresentação ressaltou a importância de serem identificados os
76 usos “dominantes” e “restritivos” em cada uma das áreas de estudo, como também da
77 realização de estudos hidrológicos. **Item 3 - Rede de monitoramento e disponibilidade de**
78 **dados de qualidade de água da bacia do rio Tibagi - Agência do Tibagi, SUDERHSA,**
79 **IAP, Sanepar e COPEL.** O Sr. Alex Alves (Agência do Tibagi) mostrou alguns dos dados de
80 qualidade disponíveis na bacia, ressaltando que o número de amostras é variável no tempo.
81 Na seqüência apresentou a metodologia e resultados da caracterização da disponibilidade
82 hídrica em termos de quantidade e qualidade nos pontos de controle adotados. **Item 4 -**
83 **Discussão da metodologia a ser adotada para a elaboração do diagnóstico da qualidade**
84 **das águas superficiais da bacia do rio Tibagi.** Das discussões concluiu-se que a análise da
85 situação atual da qualidade de água do rio Tibagi deverá ser feita com base nos dados dos
86 parâmetros DBO, DQO, OD, Fósforo total e da série nitrogenada. Esses resultados deverão
87 ser cruzados com o mapa de uso do solo e associados com as informações contidas no banco
88 de outorgas da SUDERHSA, o qual permitirá identificar a matriz de poluição para cada uma
89 das áreas selecionadas. Uma informação adicional a ser considerada para a identificação das
90 fontes poluidoras é o cadastro de lançamentos do IAP. **O item 5 - apresentação dos critérios**
91 **e dos resultados da seleção das estações de controle da bacia do rio Tibagi do Plano**
92 **Estadual de Recursos Hídricos** acabou não acontecendo porque, segundo a Sra Tânia
93 Miranda (Diretoria de Águas da Suderhsa), na hora a pessoa que iria fazer a palestra foi
94 chamada para uma reunião com o Sr. Darcy Deitos, Diretor Presidente da Suderhsa. A sra
95 Martha Sugai comentou que recebeu na sexta, dia 02 de março, um documento que resumia a

96 metodologia utilizada no Plano Estadual, mas como havia algumas questões sobre a
97 metodologia, o que foi apontado para outros representantes da Suderhsa na segunda feira, dia
98 05, ela não distribuiu o documento entre os membros da CTPLAN. O **item 6 - apresentação**
99 **da metodologia e dos resultados dos estudos de disponibilidade hídrica da bacia do rio**
100 **Tibagi do Plano Estadual de Recursos Hídricos** não ocorreu porque os resultados ainda não
101 foram disponibilizados. Passou então ao **item 7 - seleção das estações de controle da bacia**
102 **do rio Tibagi a serem adotadas nos estudos de disponibilidade hídrica do Plano da Bacia**
103 **– Outorga/SUDERHSA**. Como o representante da Outorga da Suderhsa também não pode
104 comparecer na reunião, foi feita uma seleção preliminar dos postos a serem considerados, em
105 função do período de dados e da disponibilidade de dados de qualidade de água. Foram
106 escolhidas as seguintes estações: Lajeado, no rio Imbituva; Uvaia, no rio Tibagi; Engenheiro
107 Rosaldo Leitão, no rio Tibagi; Balsa D. Sofia, no rio Tibagi; Barra do Pitanguí, no rio
108 Pitanguí; Bom Jardim, no rio Capivari; Tibagi, no rio Tibagi; Chácara Cachoeira, no rio Iapó;
109 Fazenda Manzanilha, no rio Iapó; Telêmaco Borba, no rio Tibagi; Marra do Ribeirão das
110 Antas, no rio Tibagi; um posto no rio Apucarantina; Porto Londrina, no rio Tibagi; Montante
111 da Captação Sanepar (ETA Cafezal), no ribeirão Cafezal; Chácara Ana Cláudia, no rio Tibagi;
112 Jataizinho, no rio Tibagi; Ponte Preta, no rio Congonhas. Deverá ser avaliada a inclusão das
113 estações a seguir que tem um período mais curto de dados: Balsa do Pitanguí, no rio Tibagi;
114 Lageado Liso, no Ribeirão Lageado; São Jerônimo, no rio Tibagi; Sítio Pai d'Álho, no rio São
115 Jerônimo; Sítio Igrejinha, no rio Taquara; Cebolão, no rio Tibagi; Apertados, no ribeirão dos
116 Apertados. Deverão ser calculadas as curvas de permanência das vazões diárias para
117 diferentes períodos para a definição da disponibilidade hídrica, atentando para a consistência
118 dos dados fluviométricos utilizados. O **item 8 - usos de recursos hídricos na bacia do rio**
119 **Tibagi - metodologia para o cálculo das demandas para o plano – SUDERHSA** também
120 não foi avaliado porque o representante da Suderhsa não pode comparecer. O **item 9 -**
121 **critérios a serem adotados no balanço de entre disponibilidades e demandas** acabou não
122 sendo abordado em função de não terem sido discutidas a metodologia de obtenção da
123 disponibilidade hídrica e das demandas. Passou-se então ao **Item 10 – Aprovação da Ata da**
124 **2ª reunião**. Os presentes não tinham nenhuma observação com relação ao texto, que já tinha
125 recebido contribuições anteriormente, mas como muitos já haviam saído nesta hora, a ata foi
126 considerada aprovada preliminarmente, ficando de ser feita uma nova consulta para os
127 membros se manifestarem.

128 Ata aprovada na 4ª reunião, realizada em 09 de outubro de 2007.

129 Martha Regina von Borstel Sugai
130 Coordenadora e Relatora da CTPLAN